

OS DESAFIOS DA PANDEMIA: NOVAS FORMAS PARA O ENSINO

REMOTO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Larissa de Lourdes dos Santos Moraes¹

Anderson Nicacio Medeiros Almeida²

Fábio Marques de Souza³

INTRODUÇÃO

Nos últimos dois anos, desde que uma crise sanitária devastadora teve início, têm sido de constante adaptação em todas as áreas da vida; o meio acadêmico, conseqüentemente, não ficaria de fora. Devido aos altos índices de morte e contágio, mostrou-se urgente a necessidade de vivermos em isolamento social por um bem maior, e as instituições de ensino - desde educação básica à superior - tiveram que adotar as medidas impostas pelos órgãos de saúde e reestruturar o modelo de ensino.

A Universidade Estadual da Paraíba foi uma das instituições que se adaptou às limitações dessa nova realidade e para contornar essa situação foi preciso que professores e alunos se reeducassem e se adaptassem aos momentos online para que pudessem dar continuidade aos cursos da graduação. É com a finalidade de acompanhar como esses encontros vêm acontecendo nas instituições de ensino básico, que surge o Programa de Residência Pedagógica (RP), um programa de formação de professores, com o objetivo de aperfeiçoar a formação prática na licenciatura, aproximar e estimular o licenciando a imersão do contexto em sala de aula, visando a docência e a reflexão sobre a prática profissional no cotidiano das escolas públicas de educação básica, fazendo o residente exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática docente, mesmo no contexto atual de pandemia, onde o ensino é a distância pelas plataformas de estudo.

¹ Graduanda do Curso de Letras Inglês da Universidade Estadualda Paraíba-PB, e-mail: laari.santos62@gmail.com;

² Graduado pelo Curso de Letras – Inglês da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Especialista em Ensino de Língua Inglesa pela UCAM (2020), e-mail: nicacio15@gmail.com;

³ Doutor em Educação (Universidade de São Paulo – USP), Professor da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e-mail: fabiohispanista@gmail.com.

Além disso, é dada aos residentes a formação teórica, promovendo a conciliação dos currículos e propostas pedagógicas dos cursos de licenciatura, o estudo e orientação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) com a prática docente.

Para isso, contamos com a formação dos livros: “BNCC - Base Comum Curricular e as diferentes áreas”, “*Language Teaching-Learning in the 21st century*” e “As tecnologias digitais no processo formativo de uma geração de alunos conectados”, da Editora Mentis Abertas.

O trabalho tem como objetivo descrever nossas experiências teóricas e práticas de docência e discorrer sobre a oficina “*Mobile Learning: aprendendo Inglês através da programação de aplicativos*”, onde fizemos um aplicativo de celular *Android* junto com os alunos, com a finalidade de refletir de forma crítica as diversas abordagens e formas de construir conhecimentos.

METODOLOGIA

As aulas, de início, foram planejadas em um modelo de “sequência didática” para definir um conjunto de aulas ligadas entre si e assim tornar mais eficiente o processo de aprendizagem, principalmente se tratando de programação de aplicativo, que necessariamente precisa dessa continuidade. Depois, por uma questão de praticidade, foi mais utilizado o plano de aula e também “roteiros” que tinham como principal foco mostrar como localizar o conteúdo, os objetivos, recursos didáticos, procedimentos/desenvolvimento e a avaliação feita durante a aula para não nos perdermos.

Nossos objetivos com a oficina *Mobile Learning*, eram introduzir aos alunos o básico da programação de aplicativos para *Android*, com o objetivo de ensinar o vocabulário em Inglês de uma forma contextualizada e desenvolver a autonomia dos alunos construindo, organizando e corrigindo o aplicativo para poder usar e compartilhar o produto final. Os alunos, por sua vez, iriam desenvolver noções básicas de programação em blocos, o uso de plataformas de desenvolvimento de aplicativos para o sistema operacional *Android* e a ampliação dos conhecimentos relacionados à língua inglesa por meio de discussões, criações e uso de termos presentes na plataforma de criação de aplicativos.

Foi explorado diferentes tipos de aplicativos presentes no *Google play* para os alunos se inspirarem e assim fomentar o processo criativo. Para a programação do nosso aplicativo, nós

usamos “*blocksprogramming*” da plataforma *Kodular*, mostramos para os alunos que iríamos utilizá-lo para o desenvolvimento do *app* e que eles colocariam a mão na massa para conhecer as ferramentas e o vocabulário em Inglês a ser utilizado. Ao final da nossa oficina, nós como professores, acreditamos que eles seriam capazes de produzir os mais variados estilos de aplicativos para *smartphone Android*, com confiança e autonomia, além de ampliarem seus conhecimentos voltados para a língua inglesa, o produto final seria um aplicativo voltado para a aprendizagem do idioma.

A metodologia que nós usamos durante esse módulo foi de aulas expositivas dialogadas e aula práticas de programação, o preceptor sempre avaliava se estávamos coerentes para podermos prosseguir nossos encontros. A avaliação durante as aulas foi feita de forma contínua, desde o conhecimento prévio dos alunos sobre os temas apresentados durante as aulas, até a sua participação nas atividades no *Google Classroom*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O desenvolvimento deste trabalho em equipe teve como objetivos principais refletir sobre a formação de professores a partir da perspectiva da programação de aplicativos, vinculando com a experiência dos residentes do grupo que atuam como professores bolsistas no Programa de Residência Pedagógica (RP) e que ao serem inseridos no contexto atual de ensino nos proporcionou inúmeras reflexões sobre a prática docente e seus obstáculos na pandemia, mas também uma formação pessoal e profissional referente a realidade escolar, e essa reflexão assume um papel imprescindível para a manutenção do ensino e aprendizagem.

Antes e após as aulas, eu e minha equipe sempre nos reunimos para planejar e discutir como tinha sido nosso desenvolvimento, se a aula tinha alcançado nossas expectativas e a dos alunos e o que podíamos melhorar.

Tivemos, ao todo, dez encontros e separamos eles em três módulos; resumindo o primeiro módulo, nós apresentamos nossas ideias e ouvimos as sugestões deles, logo eles se interessaram em programar um aplicativo que eles próprios moldariam de acordo com o consenso da turma, aos poucos foram perdendo a vergonha de falar e isso facilitou muito para que nós residentes tivéssemos a ideia de colocar eles para programarem, ao invés de apenas darem comandos,

colocarem também a “mão na massa”, através do aplicativo *Anydesk* - onde é possível controlar o cursor do outro computador - assim eles mesmos começaram a programar sozinhos com a nossa orientação em aula.

No segundo módulo trouxemos mais aulas voltadas para a conversação, como eles teriam que programar os botões do aplicativo, eles precisariam de vocabulário, então focamos mais nessa parte. Os temas centrais que definimos a priori eram: *music, series, games* e *vocabulary*. No decorrer das aulas fomos nos aprofundando e desenvolvendo cada um deles. Para conhecer melhor nossos alunos, fazíamos *Jamboards* para apresentação nos encontros, na sexta aula, por exemplo, levamos o assunto *TV SHOWS*(que seria um dos botões do nosso aplicativo), queríamos conhecer os gostos e preferências de cada aluno para também ajudar com suas ideias e criatividade. Então separamos nossas séries preferidas no *Jamboard* e apresentamos para os alunos imagens e um pequeno texto de sinopse para quem não conhecia. Como atividade assíncrona no *classroom* deixamos instruções para os alunos separarem e enviarem animações, frases em Inglês, imagens, links, etc.

No último encontro nós demos nosso *feedback* e recebemos também, tantas avaliações positivas que ficamos muito orgulhosos do nosso projeto, não esperávamos que a construção de um aplicativo - coletivamente - daria tão certo. Ainda ficaram algumas coisas para nós melhorarmos e finalizarmos, por isso deixamos o décimo encontro para resolver essas pendências, enviar os certificados dos alunos, etc. Em geral, foi muito proveitosa essa experiência, eu amei o carinho e a interação dos alunos ao longo dos encontros, desde o primeiro módulo, é nítida a evolução deles, de como eram mais tímidos e ao longo dos dias foram se soltando e participando das aulas, sem contar na nossa evolução também, quanto professores.

O terceiro módulo foi diferente para o meu grupo, nós optamos por continuar o trabalho do aplicativo, porém internamente – só os residentes. Começamos a pôr a mão na massa e continuar o trabalho no aplicativo, no caso, agora ele deixaria de ser só um projeto que começou com um propósito de oficina para os alunos ajudarem a fazer e agora ele seria também uma ferramenta de estudo para o ENEM, que ficaria disponível na *Appstore* para qualquer um que quiser estudar inglês - focado no ENEM - baixar. Então toda semana nós, o grupo do aplicativo, tínhamos encontros para decidir qual material iríamos selecionar para colocar no nosso *app*. Melhoramos as ideias iniciais das oficinas e adaptamos para o visual do aplicativo atual. O *layout*

é algo que nos importamos muito, pois a entrada de um aplicativo faz o público gostar ou não de mexer nele, tem que ser interativo, simples, fácil de manusear e de encontrar o que deseja nele. Nos certificamos de que o aplicativo teria tudo isso. Foram diversos testes, muitas frustrações, mas o resultado final foi incrível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Programa de Residência Pedagógica (RP), como mencionado ao longo do relatório, foi um meio de viabilizar o intercâmbio de conhecimento/experiência/metodologias e práticas entre residentes e supervisores, refletindo, dessa maneira, na performance do professor em formação.

Como residente tive muitas oportunidades; aprender e transmitir conhecimentos para os alunos foram algumas delas. A relação ensino-aprendizagem que estudamos nas teorias de Paulo Freire, nós aplicamos durante nossos encontros semanais, eu conseguia ver com clareza a teoria sendo colocada em prática, até mesmo as teorias que são estudadas na graduação, sequência didática, planos de aula, micro aulas, avaliações e *feedback*.

O Programa de Residência Pedagógica me proporcionou uma nova experiência em sala de aula, o ensino remoto. Considerando o atual momento que estamos vivendo, progredi muito pessoalmente e profissionalmente, aprendi a fazer o uso de TICs, aplicativos, sites e plataformas que não conhecia e foi uma experiência muito enriquecedora.

Estamos vivenciando um momento muito desafiador no mundo inteiro, e aqui no Brasil, além da pandemia do COVID-19, nos vemos encurralados com a atual conjuntura que tem como um dos alvos principais, o sucateamento das instituições de ensino e a desvalorização do educador. Tivemos que nos adaptar no formato de Ensino Remoto, em meio à crise econômica, e vimos a desigualdade social ser agravada, muitos estudantes excluídos, sem as ferramentas necessárias para continuarem os estudos, logo, sem o acesso à Educação.

O Programa de Residência Pedagógica nos possibilitou uma experiência única acontecendo em um momento singular para o mundo todo. Tivemos a oportunidade de acompanhar a realidade dos professores da Educação Básica e ver de perto e na prática como as instituições, os professores e as práticas do ensino tem se adaptado a esse momento tão difícil. Ficou evidente no relato as adversidades que tanto os docentes como os discentes precisam se

submeter e como essas questões são bem mais profundas do que aparentam. Vivemos em tempos onde a ciência, a pesquisa e a educação estão sendo sucateadas. É inegável o cansaço, as frustrações e o desapontamento que acomete todo mundo, por isso não podemos deixar que tirem nossos Programas; PIBID, PIBIC, RP e outros, que são nossos. Temos que ter a oportunidade de poder participar de projetos e pesquisas nas universidades e se tivermos que lutar por isso então o hino brasileiro fará jus: “E verás que um filho teu não foge à luta”, sendo assim, seguimos resistindo.

Compreendendo a profundidade da situação e todas essas provações que os alunos e os professores têm que passar para superar as dificuldades, é gratificante perceber a força de vontade dos professores de continuarem buscando a melhor forma de transmitir seus conhecimentos para os alunos visando proporcionar uma experiência proveitosa quanto ao aprendizado de uma Língua Estrangeira, e é admirável a força de vontade dos alunos de não desistirem daquilo que é seu por direito: uma educação de qualidade.

Palavras-chave: Residência Pedagógica; Formação de professores; Aplicativo; Experiências; Língua Inglesa.

REFERÊNCIAS

DI CAMARGO, Ivo; RIBEIRO, Kelli; SCHWAB, Silvana. **Base Nacional Comum Curricular e as diferentes áreas: múltiplos olhares**. São Paulo: Mentis Abertas, 2020, p. 11-55.

RICHTER, Carla; NÓBREGA, Daniela; MARQUES, Fábio; NASCIMENTO, Juscelino. **Language teaching-learning in the 21st century**. São Paulo: Mentis Abertas, 2020.

MONTEIRO, Jean; CAMPOS, Juliana; XAVIER, Manassés; NASCIMENTO, Robéria. **As tecnologias digitais no processo formativo de uma geração de alunos conectados**. 1ª. Ed. São Paulo; Mentis Abertas, 2020.